

HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO DO MUNDO: O IDEALISMO ESTÉTICO DE EVALDO COUTINHO

[HOSPITALITY OF THE WORLD – THE AESTHETIC IDEALISM OF EVALDO COUTINHO]

Thiago Aquino *

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO: Neste artigo, pretendo apresentar a concepção solipsista de Evaldo Coutinho através da tese de que a hospitalidade é a principal característica da subjetividade. O texto está dividido em três partes; na primeira, apresento o caráter existenciador da relação cognitiva entre consciência e mundo; na segunda, a dimensão absoluta e cósmica da morte, e, por último, na terceira, a receptividade estética enquanto contraponto à impermanência do mundo. O conjunto explicita o cerne do solipsismo inclusivo: trata-se do exercício de criação e preservação do universo fisionômico através da subjetivação estética, efetuado sob a luz e a sombra da finitude.

PALAVRAS-CHAVE: Coutinho; estética; solipsismo

ABSTRACT: In this article, I intend to present Evaldo Coutinho's solipsistic conception through the thesis that hospitality is the main characteristic of subjectivity. The text is divided into three parts: in the first, I present the existential character of the cognitive relationship between consciousness and the world; in the second, the absolute and cosmic dimension of death, and finally, in the third, aesthetic receptivity as a counterpoint to the impermanence of the world. The whole explains the core of inclusive solipsism: it is the exercise of creating and preserving the physiognomic universe through aesthetic subjectivation, carried out in the light and shadow of finitude.

KEYWORDS: Coutinho; aesthetics; Solipsism

“Atente a si mesmo: desvie seu olhar de tudo o que o cerca e o volte para teu interior. Esta é a primeira exigência que a filosofia faz a seu aprendiz. Não se trata de nada que esteja fora de ti, senão unicamente de ti mesmo.”
(FICHTE, 1971, p. 422)

A modernidade filosófica é inaugurada com a proposição “*Cogito ergo sum*”. Descartes pretende ter encontrado no “eu penso” a primeira verdade metafísica, e também o exemplo paradigmático de evidência intuitiva. Partindo do pensamento, a investigação filosófica não se volta diretamente para o mundo; não almeja, de início, captar as determinações mais universais do ente enquanto ente. Opera-se uma reorientação fundamental, a filosofia primeira se torna reflexiva, o movimento fundamental do pensamento é de retorno sobre si mesmo. Como se sabe, o projeto

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor pela LMU em Munique, Alemanha. É especialista em Fenomenologia e Hermenêutica, em especial Kant e Heidegger. Desenvolve atualmente pesquisa sobre a obra do filósofo Evaldo Coutinho. E-mail: thiago.maquino@ufpe.br

cartesiano de fundamentação última do saber teórico-científico será retomado diversas vezes nos séculos posteriores. É difícil sobrestimar a importância da argumentação contida nas primeiras páginas das *Meditationes de Prima Philosophia* (1641). Na contemporaneidade filosófica, entretanto, o cartesianismo declina, se tornando alvo recorrente de críticas e tentativas de refutação. Dentre os vários pontos questionáveis, vale destacar o vínculo entre a radicalidade do primado do *Cogito* e a perda de confiança epistêmica na relação com o mundo. O exercício da dúvida metódica torna problemática a relação com exterioridade, de tal modo que a verdade do “eu penso” ameaça se reverter em um encapsulamento do eu. Apesar da promessa de fundamentação da objetividade do conhecimento científico, a aplicação do princípio da subjetividade traz consigo o constante perigo do subjetivismo.

É neste contexto que se situa o solipsismo, possivelmente a forma mais extrema de subjetivismo. Em geral, o termo “solipsismo” é utilizado, na discussão filosófica, como grave acusação lançada contra adversários ou, por artifício de argumentação, como obstáculo interno à elaboração da teoria da subjetividade que pretende superá-lo. Via de regra, o solipsismo não é considerado uma concepção teórica consistente. Há, todavia, dois pensadores que assumem o solipsismo como posição filosófica defensável. O austríaco Wittgenstein, por exemplo, afirma no *Tractatus Logico-philosophicus* (1921) que o “que o solipsismo *quer significar* é inteiramente correto (...)” (TLP 5.62). A verdade que o solipsismo pretende expor, muito embora indizível através de proposições teórico-científicas, consiste na tese: “eu sou meu mundo” (TLP 5.63). À sua maneira filosófico-estética, o brasileiro Evaldo Coutinho também reconhece a verdade do solipsismo propondo uma cosmogonia pessoal. Em um certo trecho da entrevista que compõe o documentário *Evaldo Coutinho: um filósofo da arte e da existência*¹, o autor afirma: “Há pouco eu lia Bertrand Russell, que a filosofia moderna é toda ela subjetivista. Daí decorreria muitos prejuízos para a consideração científica. Eu sou um desses subjetivistas. Levei ao extremo este subjetivismo. Essa parte realmente me leva a dizer que não encontro outro que tenha sido tão subjetivista quanto eu. Não o eu geral que nós temos de Berkeley ou outro, mas o eu, eu Evaldo Coutinho, nascido no pátio do terço, a poucos metros do forte das cinco pontas.”

Não resta dúvida de que o solipsismo é uma posição filosófica problemática. Por isso, cabe perguntar: o que justifica o estudo de obras que defendem tal concepção? Reconheço duas motivações principais; sem contar o fato evidente de que, considerada em sua total amplitude, a produção filosófica dos pensadores mencionados, Wittgenstein e Coutinho, não se reduz à formulação da tese solipsista. A discussão do solipsismo, nos permite, de um lado, considerar *in extremis* os limites e impasses do princípio da subjetividade proposto por Descartes. Por outro lado, possibilita também manter em vista a relevância da pergunta cosmológica pelo “como” do vínculo entre existência e mundo. Neste artigo, pretendo apresentar a estrutura básica do solipsismo de Evaldo Coutinho através da caracterização da subjetividade enquanto abrigo do mundo.² O texto está dividido em três partes; na primeira, apresento o caráter existencializador da relação cognitiva entre consciência e mundo; na segunda, exponho a dimensão absoluta e cósmica da morte, e, por último, concluo com a interpretação da receptividade estética enquanto contraponto existencial à efemeridade do mundo. No conjunto, o artigo explicita que o cerne do solipsismo inclusivo consiste na criação e preservação do universo fisionômico por meio da subjetivação estética sob luz e a sombra da finitude.

1.0 CONHECIMENTO EXISTENCIAL E A SUBJETIVAÇÃO DO MUNDO

“De mim a mim, em mim, é o dístico mais direto na apreciação ontológica.”
(COUTINHO, 1987, p. 77)

De acordo com os princípios estéticos, apresentados no início do *Espaço da Arquitetura* (1970)³, a filosofia e a arte não se diferenciam substancialmente. Para Evaldo Coutinho, os sistemas filosóficos “(...) são obras de arte, do mesmo modo que estas são também filosofias.” (COUTINHO, 1998, p.70)⁴ Toda obra artística nasce da junção entre *matéria*, elemento ou suporte sobre o qual o artista produz a obra, e a *intuição*, o conteúdo ou significação que pretende expressar. Localizada no âmago da expressão artística, a intuição é um “sentimento cósmico”, quer dizer, a capacidade de experimentar sensivelmente o mundo enquanto totalidade unitária. O que concede à arte em geral caráter filosófico é justamente ser expressão de uma cosmovisão nascida na sensibilidade.⁵ A intuição é o princípio estético que fundamenta a autonomia da arte frente a outros domínios do espírito humano, como, por exemplo, a ciência. Consoante este princípio, a filosofia pode ser classificada sob o domínio da arte por exprimir também uma intuição, isto é, um sentimento de mundo. Em todo sistema filosófico-artístico se propõe uma cosmologia ou ontologia. Nas palavras do pensador: “O tratamento da realidade pelo filósofo consiste, em última instância, em converter todas as coisas a um sentido único (...)” (COUTINHO, 1998, p. 96)

No domínio geral do artístico, demarcado pela presença da intuição ou ideação do uno, Coutinho estabelece um segundo princípio estético: o emprego da matéria como “elemento discriminador dos gêneros artísticos” (COUTINHO, 1998, p. ix). Como comenta o autor, é “difícil esquecer a matéria quando se pretende caracterizar o fenômeno artístico, ela representando a unidade mais presente toda vez que surge a necessidade de comparações, analogias, para maior discernimento da especulação estética.” (COUTINHO, 1998, p. 3). Conforme este princípio é autônomo todo gênero artístico que possua matéria exclusiva.⁶

Em todos os gêneros artísticos, as obras de artes expõem cosmovisões indicando, com isso, sua profundidade filosófica. A arte em geral é dita filosófica na medida em que apresenta uma visão do mundo. Por conta disso, o que diferencia a filosofia - *stricto sensu* - de outros gêneros artísticos não é a intuição, mas a matéria na qual será inscrita. A filosofia é o único gênero capaz de aplicação irrestrita da ideação do uno em função do ilimitado da sua matéria. Acerca desta especificidade, comenta o pensador brasileiro, na entrevista que concedeu à revista *Continente Multicultural*, esclarecendo que a arte filosófica: “É uma harmonia superior, uma ideação ubíqua, como eu chamo na obra. O princípio básico é que ela está presente em tudo. E um dos caracteres da Filosofia é a universalidade de aplicação. Um termo é filosófico quando ele tem aplicação universal. A minha ideação tem aplicação universal. A circunstância da morte absoluta, uma funeralidade total é um princípio filosófico.” (COUTINHO, 2001, p.40)

A ideação filosófica possui aplicação irrestrita, pois a realidade inteira é a sua matéria exclusiva. Em contraste com o filosofar, todos outros gêneros dispõem de matéria mais restrita para expressar a intuição, na pintura, por exemplo, se recorreria unicamente à cor, na música ao som, na escultura ao volume, etc. Além da restrição material, na compreensão de Coutinho, a maioria dos gêneros artísticos operam no domínio da representação; além da filosofia, somente a arquitetura opera no real criando o espaço interno dos edifícios através da demarcação do espaço real da natureza.⁷

Enquanto arte de realidade, a filosofia pode recorrer a qualquer momento do cosmos para materializar a intuição, empregando-o como suporte para exposição da ideação artística. A interpretação da unidade do todo, conteúdo de cada sistema filosófico, pode ser exemplificada por qualquer aspecto do mundo. Desse modo, pode-se definir a filosofia como o único gênero artístico capaz de recorrer à realidade inteira para exprimir a ideação básica da pessoa do artista, sendo, por isso, a única arte apta a reunir na ideação do uno o múltiplo de toda experiência.

A filosofia abre a possibilidade da estetização do universo com a formação de uma cosmogonia pessoal. A base comum da realidade inteira, enquanto matéria para criação artística, torna esteticamente viável diversas proposições acerca da unidade do todo, quer dizer, a elaboração de múltiplas obras filosófico-artísticas. Em toda filosofia, a experiência do mundo é elaborada em conformidade com a sensibilidade criadora particular. A história da filosofia se constituiria pelo conjunto das cosmogonias criadas por diferentes pensadores. Por isso, o sistema filosófico do solipsismo inclusivo precisa ser reconhecido, de acordo com os dois princípios estéticos discutidos até aqui, como a obra de arte produzida pelo filósofo-artista Evaldo Coutinho. Ou seja, é somente uma concretização particular da estetização do mundo operada na filosofia a partir do pressuposto de que é apanágio do eu-criador subjetivar o universo.⁸

A obra *O Lugar de todos os Lugares*⁹, publicada em 1976, expõe, de modo sistemático e coerente, o compromisso da ontologia de Evaldo Coutinho com a tese idealista de que toda consciência “se eleva à mais alta das prerrogativas: a de continente do universal conteúdo.” (COUTINHO, 1976, p. 6) Na posição de totalizador, o eu “translada” as coisas para o estojo único de sua consciência, de tal modo que a “objetividade real (...) se transforma em subjetividade fisionômica” (COUTINHO, 1976, p. 152). A “transposição” da realidade empírica à ideia é o ato cognitivo primordial da filosofia. O pensamento opera uma subjetivação do mundo, determinando o sentido da experiência através da ideação. Nesse sentido, comenta Coutinho no livro *O Espaço da Arquitetura* que é “correta a observação de Schopenhauer: a filosofia ou é idealista ou não é filosofia, entendendo-se por idealidade o transcurso em que vive a intuição do filósofo.” (COUTINHO, 1998, p. 96)

O pensador brasileiro considera a ideação um ato de “criação”. Em primeiro lugar, a criação da iconografia, isto é, do conjunto de figurações mentais pertencentes à imaginária do pensamento.¹⁰ De acordo com a formulação lapidar encontrada no início do primeiro capítulo do *Lugar de todos os Lugares*: “o conhecimento é existenciador e objetividade é iconológica.” (COUTINHO, 1976, p. 17) Logo se nota, que o termo “conhecimento” não pode ser remetido ao comportamento teórico-cognitivo da ciência. O que está em jogo no “existenciamento” é a formação do mundo na subjetividade a partir da sensibilidade estética. Se há algum saber nesta relação, trata-se do conhecimento existencial de testemunho de cenas e personagens somada à interpretação do seu sentido. Cada evento (coisa, pessoa, situação) adquire - ao ser posto em relação com o olhar existenciador - uma acepção ontológica modificada: “(...)quando apreendo uma coisa até então por mim ignorada, proporciono-lhe o ser e estar que se não verificariam no caso de ela não ter vindo ao meu conhecimento. Dou-lhe, por conseguinte, a existência, e logo ela se inculca deste significado: subordina-se existencialmente a mim. Assume, portanto, o papel de ícone, de imagem irrevogavelmente inserida em mim, e unida de uma significação que me pertence, que parte de mim. Sou existenciador na medida em que o universo se afirma e se clareia em virtude de minha particular existência” (COUTINHO, 1976, p. 17). Para o pensador, a

realidade é “menos objetiva do que em geral se pretende” (COUTINHO, 1976, p. 95), pois é a cognição da visão existenciadora que traz à existência visual o objeto que conhece.

“Existenciamento”, “Iconografia”, “ícone” são termos técnicos no sistema filosófico de Coutinho. Benedito Nunes destaca, em estudo ainda inédito intitulado *Solipsismo e Tanatologia em Evaldo Coutinho*, que o pensador pernambucano escreve num “estilo próprio”, na medida do seu pensamento, alcançando “um ritmo sintático, um fraseado aliciente que seduz o leitor pela sua clareza e pela sua riqueza vocabular, principalmente de cunho metafórico.” (NUNES, 2000, p. 2). De fato, a prosa de Coutinho é uma instigante contribuição à escrita filosófica em língua portuguesa.¹¹ Ao comentar sobre expressão de pensamentos, observou o autor nas anotações prévias do belo ensaio *O Lugar de Todos os Lugares*: “a palavra clareza foi a melhor que encontrei para, metaforicamente, esclarecer a existencialidade que emana de mim” (COUTINHO, 1976, p. 7). A “clareza” em questão refere-se à capacidade subjetiva de “facultar existências”, isto é, de existenciar o contemplado inoculando-o com a significação primordial do “ser e estar em mim”. Em coerência com a importância de tal filosofema, Coutinho intitula o primeiro capítulo do ensaio citado de “A metáfora da lâmpada”, afirmando que “o meu ser equipara-se à lâmpada que, ao acender-se, traz à existência visual os objetos que até esse minuto permaneciam inexistentes para o eventual contemplador; apagada a lâmpada, as coisas voltam à anterior e perene obscuridade.” (COUTINHO, 1976, p. 20)

O conhecimento existenciador é um exercício do testemunho, consiste na assimilação contemplativa de vultos e cenas (personagens e ocorrências), operando a absorção universal de todas as coisas na imanência da consciência singular. Desconsiderando a busca da realidade em-si mesma, a subjetividade - dentro dos limites da experiência filosófico-estética - transmuta o real na ideia. O universo, iluminado pela ótica da visão existenciadora, se transforma em ordem fisionômica.¹² A luminosidade da consciência, miradouro da contemplação do mundo, determina como “fisionômica” o sentido da existência em geral. De acordo com a etimologia, o termo é formado a partir das palavras gregas *physis* (natureza) e *gnômê* (interpretação). Importa reconhecer, neste caso, que a palavra nomeia não apenas a imagem do que aparece, pois o que é visto é considerado sempre sob um certo ângulo, uma certa ótica. Não há fisionomia sem reconhecimento, por isso, o conceito de fisionômico refere-se sempre à junção entre o ato da interpretação e o que aparece, entre a visão e a imagem, entre o nome e a face. Nota-se que o existir adquire acepção visual; ou seja, toda entidade que entra em relação, seja de possibilidade ou de realidade, com o eu existenciador torna-se imagem ou ícone pertencente ao repertório pessoal.¹³ Além disso, o termo foi escolhido, provavelmente, porque o contemplado, seja no cotidiano ou no devaneio, são essencialmente pessoas e relações interpessoais em contextos de ação e interação. A tese barroca do teatro do mundo (*Theatrum Mundi*) é assumida por Coutinho no sistema filosófico do solipsismo inclusivo.¹⁴ Na obra *A Ordem Fisionômica* há uma nítida centralidade da pessoa humana; não apenas a pessoa do artista, mas também de todas as pessoas em geral; em especial as próximas ao eu existenciador. Dizer que o universo composto através das figurações mentais é um universo fisionômico equivale, portanto, a reconhecer seu sentido eminentemente humano e interpessoal.¹⁵

O sistema filosófico de Evaldo Coutinho pretende ser cosmogônico, por isso, procura expor a formação do mundo fisionômico no cerne da subjetividade: “O interesse cosmológico se concentra, portanto, no meu existir individual. Em

confrontação com a realidade, alteia-se a prerrogativa de minha pessoa, isso em virtude de eu fazer existente essa mesma realidade. Sou o criador e o mantenedor do universo, não conseguindo dissociar-me dele, nem ele de mim. O universo é o meu repertório, do qual ninguém, nenhuma coisa se isenta; ao contrário existe em razão de minha existência.” (COUTINHO, 1979 p. XII) O mundo, apreendido filosoficamente a partir da visualidade existenciadora, é uma substância única que se “estende aos dois territórios, o da objetividade e o da subjetividade” (COUTINHO, 1976, p. 31), também denominados respectivamente de imaginária externa (realidade) e imaginária interna (representação). É importante esclarecer que a noção de “imaginária” abrange todos os conteúdos da experiência; isto é, refere-se às imagens em geral enquanto sinônimo de figurações mentais. Desse modo, não possui ligação exclusiva com a faculdade de imaginação. Na verdade, o ato de existenciamento atravessa todos conteúdos e atos da conhecida tríade formada por percepção, memória e fantasia.

Na transferência da realidade empírica para o plano da ideação, o universo inteiro acomoda-se à perspectiva da lupa, adapta-se à “luzerna cosmogônica” da consciência singular que, qual estojo, abrange a totalidade sob o índice do real ou do possível. Na explicação do autor, é “(...)sob este aspecto, que as coisas estão subordinadas ao meu existir. Sem mim, nenhuma positividade ressuma dos objetos presentes e dos que figuram além dos meus olhos. Diante dessa verdade primeira, a minha personalidade assume importância ontologicamente criadora. Se as coisas se subordinam à minha existência, vejo-me algo mais que uma pessoa entre pessoas; vejo-me no privilégio de ser a claridade a que nenhum outro indivíduo vem a concorrer, porquanto a ninguém posso transferir o absoluto, o único de minha testemunhalidade e de minha continência.” (Coutinho, 1981, p.xi) No solipsismo inclusivo, a subjetivação integra o conteúdo do mundo ao continente do eu existenciador. Conhecer é personalizar, isto é, sentir o todo do cosmo na intimidade da subjetividade conforme a estrutura da sensibilidade estética. Com a ideação, o eu único se faz demiúrgico criando um mundo que concentra em si. Em função da desproporção entre o conteúdo e o continente, o universo identificado com o repertório de cada pessoa foi limitado e concentrado, ou seja, o mundo fisionômico é sempre um “pequeno cosmo”. Concepção também incluída por Wittgenstein ao formular a verdade do solipsismo: “Eu sou meu mundo (o microcosmos)” (TLP 5.63)

Pode-se caracterizar o solipsismo como um idealismo acrescido da ênfase no caráter único da consciência. O destaque da singularidade está presente no próprio termo que, segundo a etimologia, nomeia a “doutrina (-ismo) do eu (*ipse*) único (*solus*)”. Coutinho também reconhece a importância da unicidade do eu no seguinte comentário sobre sua ontologia: “A ordem fisionômica, diferentemente da tradição, em lugar do homem geral, traz à consideração ontológica o homem particular, no caso o respectivo filósofo. Aceito que tenha sido a duração efêmera da vida a desestimuladora da elevação ôntica do indivíduo que pensa. O ângulo solipsista se apresenta escasso na perspectiva filosófica, e os poucos autores que o ocuparam, esses mesmo se detêm em especulações ao eu da generalidade humana; e não ao eu de quem usa da palavra, jamais ao eu de quem se proclama o subjetivador de todas as presenças e ausências, sem embargo da curta vida, conforme se extrema a ordem fisionômica.” (COUTINHO, 1987, p. 134)

Na obra *A Ordem Fisionômica*, a ênfase na unicidade do eu se desdobra na interpretação filosófico-artística de temáticas eminentemente existenciais tais como temporalidade, cotidianidade, memória, ação dramática e, sobretudo, finitude. Esta

última, configura o núcleo de sentido da ontologia solipsista proposta por Coutinho. De fato, quando perguntado, na entrevista que concedeu à revista *Continente Multicultural*, sobre a importância da mortalidade na sua obra, o filósofo respondeu: “A morte é o personagem principal.”¹⁶

2.A FUNERALIDADE E O ABSOLUTO DA MORTE

“Como também o mundo, com a morte, não se altera, mas acaba.”
(TLP 4.31)

Conforme observação feita no início de *Lugar de todos os Lugares*, a formulação da ontologia solipsista nasceu do contato com o conhecido ditado popular: “o mundo se acaba para quem morre.” (COUTINHO, 1976, p. 12) Perseguindo o que o dito sugere, Coutinho procurou examinar a dimensão cósmica da morte reconhecendo a transitoriedade e a ausência enquanto limites intransponíveis da experiência estética do mundo. Em função desta decisão, tornou-se inevitável enfrentar o tema da fugacidade na elaboração do problema filosófico da unidade do todo, sua possível resolução passar a pressupor a constituição do sentido no horizonte do tempo finito do existir. No testemunho cotidiano de painéis e retábulos e seus enredos, o eu existenciador ilumina acontecimentos possibilitando presenças; a subjetividade, para utilizar um termo fichteano, é “ponente” (*Setzend*), isto é, põe o real no domínio do pensamento através da transposição estética em figurações imagéticas. É na própria concretude da vivência que as fisionomias se revelam presenças fugidias para o existente que as contempla; o que se presentifica em cada instante não perdura. Há uma espécie de lei dos acontecimentos determinando que toda presença se encaminha para ausência, isto é, “(...) tudo se exhibe em via de perecer (...)” (COUTINHO, 1976, p. 10) Paradoxalmente, é justamente a negatividade da impermanência que *circumscreve* o vínculo estético entre existência e cosmos e que *prescreve* a necessidade de uma postura filosófico-artística diante do perecimento.

No solipsismo de inclusão, proposto por Coutinho, a morte constitui metafisicamente a correlação consciência e universo. A dimensão cósmica da morte pode ser explicitada destacando que já está implícito no supracitado ditado popular. Parte-se do pressuposto fundamental do idealismo: o mundo tão somente pode se apresentar à consciência singular, esteticamente orientada, subordinando-se às condições subjetivas de experiência. Como vimos, o existenciamento opera a transposição do real para o domínio da ideação conformando todas as aparições à sensibilidade receptora do artista. A acepção fisionômica da existência - sua determinação enquanto ser e estar-em-mim - implica um condicionamento do mundo à escala do eu existenciador. Com o acréscimo da singularidade do eu, a tese idealista de subordinação da experiência é modificada radicalmente através da mortalidade. Forma-se, desse modo, o seguinte argumento: Se não há mundo à parte da experiência subjetiva; e se, é também o caso, que na subjetivação o mundo é assimilado pela consciência singular finita, decorre como consequência, que a negatividade da morte atinge a estrutura do mundo. Como observa o autor na já mencionada entrevista à revista *Continente Cultural*: “(...) é justamente o fato da morte que estabelece a circunstância metafísica de o ser estar a depender de cada um.”¹⁷ Por contraste, sendo razoável a tese contrária de que o mundo subsiste após a morte singular perderia consistência a tese idealista-solipsista de que: “Tudo se deve entender no caráter de

dependente de mim, em mim” (COUTINHO, 1976, p. 6)

Possuindo dimensão cósmica, a morte é determinante na relação estética com o mundo. Com o término da experiência - apagamento da lâmpada da consciência - se encerra o único mundo coerente com as premissas do solipsismo, isto é, acaba o mundo fisionômico. Nesse caso, a minha morte nunca é exclusivamente minha, é sempre também a ruína do mundo inteiro; é uma hecatombe universal. O pensador pernambucano expressa este filosofema através de uma imagem impregnante: “Subordinando-se à medida de meu repertório, o cenário resulta, por conseguinte, em algo fatalmente vaticinado a perecer comigo, devendo acontecer, com a minha morte, uma extinção equivalente àquele naufrágio a que me referi em *A Ordem Fisionômica*: o naufrágio absoluto em que submergem o barco e as águas.” (COUTINHO, 1976, p. 87) A águas naufragam com o barco, quer dizer, o universo fisionômico afunda em conjunto com a consciência que o existencia: “Quem situa a duração do universo no estreito prazo de sua vida — vida consciente — quem concebeu a presença do mundo como a véspera do perecimento, pois que o mundo, nesta acepção, se deixa obviamente inocular pela morte, por sua morte pessoal a sobrevir, toca o assunto da precariedade do existir humano, e com esta a precariedade do mundo em todos os ângulos em que é imaginado e apreendido.” (COUTINHO, 1976, p. 6-7)

Na efemeridade transparece a vigência do devir, da transição e passagem. A experiência estética transcorre no tempo fisionômico, fluxo de vivências no qual se forma o mundo.¹⁸ Não, é claro, o mundo considerado realisticamente como independente da consciência, porém o mundo “para mim e em mim” de acordo com o pressuposto idealista. A lei da subordinação ao meu existir, isto é, a conformação dos aparecimentos ao módulo da subjetividade pode ser explicitada através da inevitável temporalização dos conteúdos vividos. A potência negativa do tempo da consciência desfaz a subsistência aparentemente sólida do real; Cronos devora vorazmente seus filhos: “Por mais resistentes e perpetuáveis que sejam as coisas, elas se fatalizam à efêmera duração: a de minha vida consciente. Reportando-me à idade do universo, em vez de referir-me à sua cursividade autônoma, prefiro dizer que ele não possui idade própria, que encerra tantas idades quantas são as consciências que o patenteiam. O Ser tem a idade de quem existe. Assim, o meu repertório consiste em acumular, dentro de si e atendendo ao padrão humano, o universo em todas as idades. Por último, em derradeira instância, a idade do Ser se confunde com a minha idade. Sou o contemporâneo absoluto de todo o Ser, e em face dessa perspectiva me reconheço o existenciador de tudo que me registra a consciência.” (COUTINHO, 1987, p. ix)

A determinação fundamental da temporalidade da ordem fisionômica é a contemporaneidade, isto é, a “convergência” de todos os tempos na unidade de um tempo comum. O termo é empregado na obra para nomear o que concerne ao tempo único. Na unidade do mundo existenciado só haveria um único tempo, aquele de cada eu singular. Como observa o autor no *Lugar de Todos os Lugares*, a “contemporaneidade fisionômica de uma pessoa, em qualquer lugar, consiste em algo mais que apreender as coisas que lhe são devassáveis no momento: as que radicaram em outras épocas, em número incomensurável, elas igualmente se situam em posição coeva, transpostas em termos de memoração ou de condizente imaginativa.” (COUTINHO, 1976, p.3) A vida cotidiana é experimentada na unificação temporal, o passado retido pela memória e o futuro na expectação são articulados na negatividade temporal da finitude. Passado, presente e futuro são coetâneos em mim, abarcados pela contemporaneidade fisionômica que não se confunde com advém no instante. É a

“integração” de todos os momentos no tempo único no existir singular que forma a estrutura da contemporaneidade, quer dizer, do pertencimento a um tempo comum.

Considerada a partir da contemporaneidade fisionômica, a morte não pode ser vista exclusivamente como evento futuro.¹⁹ Se não há experiência da morte, então esta não pode ser reduzida a uma ocorrência que se torna mais próxima a cada dia. Retomando a metáfora da lâmpada, com a luz acesa não se vê a escuridão completa, com a luz apagada, por sua vez, não há nem visão, nem o-que-é-visto. Não há testemunho da morte, como observou o autor: “Não posso retirar-me de mim mesmo, e por conseguinte o meu velório não assistirei (...)” (COUTINHO, 1976, p. 189) A morte é a fronteira inultrapassável da ordem fisionômica; é o ponto intestemunhável²⁰. Na ausência do olhar existenciador não há encontro ou contemplação.

Em coerência com a limitação imposta pela finitude, a ontologia de Coutinho é de cunho radicalmente monista e imanentista. Não há justificativa para esperança na transcendência do além-mundo, a escuridão do não-ser é intransponível. O que se apresenta no mundo está em trânsito, todavia, não há transição para fora dele. É incoerente com a posição idealista da ordem fisionômica supor a subsistência do que extrapola os limites do conhecimento existenciador. Nas palavras do autor: “(...) não se admite esse gênero de pósteros, de entes e de sucessos intestemunháveis por mim. Conforme deixei afirmado, restringi-me ao alcance de meu conhecimento, de minha pessoal testemunhalidade. Consequentemente, aquela sobrevida estará em meu repertório apenas como pura imaginativa, de todo independente de efetivação real.” (COUTINHO, 1976, p. 15) Na contemporaneidade do tempo fisionômico, a negatividade da morte, aniquilamento total e absoluto, não se apresenta unicamente no *limite último da experiência*, isto é, na impossibilidade do testemunho. Coutinho considera que todas as experiências negativas também são indícios da morte. A finitude se anuncia continuamente em todas as *ausências*, isto é, em todas as derrotas, carências, faltas, desencontros, separações, distâncias, despedidas, etc.

Na experiência estética, a subordinação ao meu existir acontece de dois modos básicos. É sob o índice da realidade efetiva que se determina toda *presença* como o que está dado diante da contemplação, enquanto que se determina como *ausência* o que está em relação com a subjetividade sob o índice da possibilidade. Com esta distinção, a visão existenciadora constata o predomínio inequívoco do não-visto sobre o visto, ao ponto do pensador afirmar que “(...) tão espontânea se afirma a ausência que parece terem sido feitos os olhos mais para não ver que para ver.” (COUTINHO, 1987, p. 87) No “agora”, se ausentam o passado e o futuro; no “aqui” se ausentam outros lugares; na contemplação se ausentam outros ângulos possíveis de visualização. Por contraste com o *ser* compreendido como presença do que está dado, posto, efetivado diante da visão existenciadora, o *não-ser* se determina como ausência ou do objeto ou da visão. A ausência demonstra não apenas a impossibilidade de uma visão ubíqua, também alude à ausência definitiva da visão, isto é, da morte. Acerca deste ponto comenta Coutinho no *A Artisticidade do Ser*: “O Não-ser é uma entidade tão simples que dispensa, para o seu império, as justificações e esclarecimentos que exigem as inerências da iconografia externa em mim; isto porque a inexistencialidade, na *ordem fisionômica*, se evidencia, não por ausência de algo que poderia existir, mas pela ausência de olhos que o pudessem ver, em outras palavras, pela falta da consciência existenciadora.” (COUTINHO, 1987, p. 71)

A constituição da experiência estética através do limite e da ausência permite compreender melhor porque a morte é a personagem principal da ordem fisionômica.

Na ontologia solipsista, a funeralidade é “a categoria primeira do universo”²¹ possibilitando a unificação do múltiplo de toda experiência. Em última instância, não há ocorrência que não admita ser interpretada à luz da significação fundamental da morte: “A iconografia inserta em *A Ordem Fisionômica* - uma coleção de cenas e sequências, extraídas imediata ou remotamente da empírica realidade - salvo um ou outro momento, insinua ou concretiza as precedências, em mim, da morte fisionômica, da morte absoluta que há de envolver a tudo, em mim, até os quadros dessa iconografia, os admoestadores do universal falecimento, ora em expectativa.” (COUTINHO, 1976, p. 133)

No sistema solipsista, a fugacidade constitutiva do devir não provém da impermanência intrínseca à coisas em si mesmas; o efêmero é oriundo da negatividade da morte. Não se trata da constatação do efêmero tão somente, mas de interpretá-lo filosoficamente como signo da morte. É a tese filosófico-estética da funeralidade (perdimento de todas as coisas em mim) que possibilita a confecção artística da ordem fisionômica, isto é, a descrição do mundo às vésperas da sua extinção. Em cada perecimento, o filósofo-artista Evaldo Coutinho contempla o perdimento das coisas na morte fisionômica: “(...) a conduta diária, a que normalmente se submete o meu vulto, é, sem que eu me dê conta à medida que me acerco de ausências, o apresto em pleno vestibulo da desapareição, da morte que, no papel de infalível entidade, e por emanção de seu poder, estende, no plano da vida, e sob a forma de iniludíveis sinais, o influxo de sua vizinhança, em termos explicitamente figurativos.” (COUTINHO, 1976, p. 72) A filosofia estetiza o mundo interpretando toda ausência ou limitação enquanto símbolos e/ou alegorias da morte fisionômica. Como veremos na próxima parte, o trabalho filosófico-artístico de inscrição da intuição da funeralidade na matéria da realidade inteira almeja permitir ao existente humano lidar com o transitório, o efêmero, o fugaz. A arte filosófica se contrapõe criativamente à perdição total que se anuncia em cada perda parcial experimentada.

3. ACOLHIMENTO NA RECEPÇÃO FILOSÓFICO-ESTÉTICA DO MUNDO

“O ser humano é uma casa de hóspedes”
Rumi

Na ontologia do solipsismo, a consciência se coloca como continente de todo conteúdo. Diversos termos são empregados para estabelecer, no trabalho de totalização filosófico-estético da experiência, o eu na “(...) posição de centro de uma perspectiva que que a tudo abrange”. (COUTINHO, 1976, p. 13) O papel da consciência é o de ser repositório do universal conteúdo; ser estojo, invólucro, álbum, depositário, portador do mundo. Ao adotar esta descrição, não estaria Coutinho submetido àquele equívoco mencionado por Sartre no início do pequeno artigo dedicado à intencionalidade? Refiro-me à crença de que a subjetividade assimila o real, que “(...) o Espírito-Aranha atirava as coisas em sua teia, as cobria de uma baba branca e lentamente as deglutia, reduzindo-as à sua própria substância. O que é uma mesa, um rochedo, uma casa? Um certo conjunto de “conteúdos da consciência”, uma ordem desses conteúdos. O filósofo alimentador!”²² É inegável que o solipsismo, versão extrema de idealismo, pretende abranger a realidade empírica pelo pensamento, almeja incorporá-la na subjetivação. Importa, todavia, precisar o sentido da mentalização do universo no contexto da

experiência estética. Nesse caso, a redução do mundo à substância do eu adquire uma orientação e propósito peculiares.

A pretensão de assimilação nos leva ao problema da transcendência, isto é, à dificuldade de ultrapassagem do subjetivo rumo ao mundo externo. Trata-se do risco de clausura: o primado do pensamento não implica aprisionamento na esfera da interioridade? Esta é uma questão incontornável para a epistemologia moderna desenvolvida a partir do princípio da subjetividade, em especial Descartes por pretender a fundamentação última do saber. Na ordem fisionômica, entretanto, não estamos no domínio da ciência, a existência não está posicionada frente ao mundo segundo o comportamento teórico-intelectual. É essencial para interpretação e discussão da ontologia de Evaldo Coutinho manter à vista sua orientação filosófico-estética, isto é, notar que é a intenção artística a diretriz da contemplação do mundo. Na arte, o que importa fundamentalmente, conforme pensa Coutinho, é a expressão da experiência existencial à luz da sensibilidade, quer dizer, da intuição. Nesta visada estética, a realidade empírica é considerada como possível suporte material para expressão artística; por isso, nas palavras do autor, o trabalho de interpretação filosófica do mundo consistiria em ver “(...) na matéria que a objetividade me faculta, os elementos que poderão traduzir o meu propósito de tornar iniludível, a mim, a versão fisionômica do universo.” (COUTINHO, 1976, p. 40)

Na ordem fisionômica, como exposto anteriormente, a objetividade é iconológica, o real adquire acepção fisionômica tornando-se imagem, figura, ícone. Por isso, não é necessário explicar, no domínio artístico, como o eu poderia ultrapassar os limites da interioridade para atingir o mundo externo. É inegável que o problema da transcendência possui relevância epistêmica, quer dizer, se impõe como dificuldade no contexto do exame da pretensão de objetividade da investigação científica. Na arte, ao contrário disso, o que se almeja explicitamente, segundo o autor, é a subjetivação do mundo. De acordo com os princípios estéticos expostos em *O Espaço da Arquitetura*, Coutinho reconhece que a realidade empírica está “disponível” enquanto matéria para a criação artística na filosofia em geral. Por isso, não é necessário conquistá-la ao término da pesquisa, ela está dada para a criação desde o início até o fim da produção artística.

Para Coutinho, na criação filosófico-artística, a relação com a realidade empírica, ao invés de ser problema, é parte da solução da tarefa de confecção das obras. Para o gênero artístico “filosofia”, a realidade é dada previamente como material para a criação artística. Enquanto matéria é compartilhada por todos os filósofos-artistas. De fato, o que todos os sistemas filosóficos - compreendidos como obras de arte - possuem em comum é a realidade inteira como matéria; as diferenças provêm unicamente da singularidade da intuição que cada sistema apresenta inscrita materialmente no real. Há múltiplas interpretações filosófico-artísticas do mundo na história do pensamento; cada sistema propondo uma ontologia, ou seja, determinando o sentido único da totalidade.²³ No caso do filósofo-artista Coutinho, criar é sinônimo de iconografar, isto é, tornar a presença contemplada em imagem capaz de significar - alegoricamente - a funeralidade (perdimento de todas as coisas em mim). Nas palavras do autor: “Em sua docilidade perante o belvedere, a realidade se deixa apreender em painéis ora estáticos, ora em sucessão; ela se essencializa em quadros de presença, os quais são instantes que, em si, como todos os instantes de presença, se equivalem a transgressões de uma lei: a lei da ausência absoluta.” (COUTINHO, 1976, p. 104)

Se ainda fosse considerado necessário tematizar, na ordem fisionômica, a relação entre consciência e universo como transição de um pólo a outro, neste caso, a direção

não seria de saída do interno (mental) rumo ao externo (extramental). A motivação estética permite a Coutinho inverter a orientação própria da modernidade filosófica. Foi, muito provavelmente, para evitar o mal-entendido de uma leitura epistêmica da ontologia que Coutinho qualifica sua concepção de solipsismo de inclusão. De fato, o mundo externo não é *excluído* pelo idealismo da ordem fisionômica, ao contrário disso, é *incluído* na totalização da experiência estética efetuada pela arte filosófica. As tentativas de construção de uma ponte para a exterioridade, tão recorrentes desde Descartes, são substituídas pela *transposição artística da transcendência à imanência do eu*: “A *Ordem Fisionômica*, ao positivar a subjacência de meu testemunho, sem nenhum acidente do universo lhe escapar, firma, conseqüentemente, um solipsismo de inclusão. Nada se dispensa, em mim, da subordinação ao meu existir.” (COUTINHO, 1978, p. xi)

Na experiência estética, o universo inteiro se *personaliza*, adquirindo a feição do eu. Com a noção estético-filosófica de inclusão, se desfaz a dificuldade epistêmica de comunicação e trânsito entre interioridade e exterioridade. A realidade empírica se disponibiliza como matéria para expressão da intuição de cada sistema filosófico. Nesta operação de inserção, a consciência singular torna-se um receptáculo que absorve, envolve, abarca a totalidade das coisas, o universo inteiro. Desse modo, “a vida de cada um – evidenciando-se a minha em particular – é o continente absoluto, no interior do qual os conteúdos se lhe filiam como pertencentes sob exclusividade única.” (COUTINHO, 1976, p. 19) Deve-se afastar, portanto, qualquer interpretação que suponha exclusão do mundo no ato de ideação. Não se trata de rejeitar ou negar o mundo, ao contrário, trata-se de integrá-lo ao eu. Ao invés de enunciar a existência de um sujeito sem relação com o mundo externo, o solipsismo inclusivo é a concepção de que o eu único envolve o mundo revestindo-o com a significação primordial da sua sensibilidade artística singular. E, como será exposto na sequência, a inclusão do mundo na subjetividade via elaboração artística possui um propósito: resguardar provisoriamente do efêmero o que se apresenta para o olhar do contemplador, do eu-belvedere.

Na explicitação da tese filosófico-estética da consciência como continente do universo, Coutinho recorre à metáfora da arquitetura²⁴ porque “ela se presta a fazer evidente a conjuntura de ser eu o depositário de tudo o que existe, proporcionando ao universo uma efemeridade com a breve duração de minha vida. A minha situação de continente e modulador de meus conteúdos, assemelha-se, de fato, ao vão de um edifício que acolhe da maneira que ele consente, distribuindo-os, de modo automático, os comparecentes que de ordinário não se dão conta de tal dependência em relação ao ordenamento prefixado pelo arquiteto.” (COUTINHO, 1976, p. 76) A metáfora torna visível que a consciência, exercendo o papel de continente do universal conteúdo, realiza duas tarefas na totalização da experiência do mundo que são idênticas às realizadas por todo vão arquitetônico.

Em primeiro lugar, a consciência se coloca como albergue, moradia. As construções arquitetônicas oferecem ao ser humano morada, analogicamente, cada consciência particular, quando se franqueia, oferece ao universo inteiro abrigo. Esta é a verdadeira dimensão filosófica da arquitetura, sua capacidade de simbolizar algo constitutivo da condição humana, a receptividade: “(...) a arquitetura, como atividade do espírito, encerra uma particularidade que nenhum outro mister apresenta: ela se origina do aprimoramento de uma condição que é inerente a toda criatura humana: a condição de ser continente, de ser abrigo de inúmeras hospitalidades.” (Coutinho, 1963,

p. 41) Além disso, em segundo lugar, ao receber toda presença - os painéis humanos com seus respectivos enredos de vultos e cenas - a consciência amolda, adapta, personaliza o que integra no repertório: “O caráter de presença que se opera no seio da arquitetura, reproduz, em índice de escorço, o existenciamento que se opera em mim, pois que me constituo em albergue de todos os seres, fisionomicamente dispostos a corresponderem aos meu ditames. Eles se contêm em mim, em meu repertório, obedecendo-lhe à modalidade, à semelhança dos comparecentes ao interno do edifício, com as aparências a dependerem das fixações e flexões que o arquiteto programou.” (COUTINHO, 1976, p. 89) As construções arquitetônicas são planejadas considerando a função que irão desempenhar, isto é, há um significado ou motivo específico para cada espaço interno. Desse modo, o vão arquitetônico condiciona o comportamento dos comparecentes/moradores. Cada vão foi construído para certa índole de eventos, por isso, cristaliza as “determinações de ser e estar” propostas por quem criou o ambiente interior. Analogamente, a consciência também acomoda toda presença à da personalidade do artista, isto é, os painéis do cotidiano e do devaneio adquirem a acepção fisionômica concedida pela sensibilidade do filósofo-artista.²⁵

De acordo com a metáfora da arquitetura, a experiência estética da filosofia pode ser descrita como atividade de acolhimento da presença em seu trânsito e passagem. *A constituição fundamental da subjetividade é a hospitalidade*. Por analogia com o vão arquitetônico que concede abrigo a quem o adentra, determinando seu comportamento e modo de ser, a consciência singular também acolhe o que testemunha determinando seu sentido e valor. O ato de acolhimento - de total abrangência - justifica a utilização da expressão “solipsismo inclusivo”, ou seja, que todas as coisas “são e estão em mim”. O sentido fundamental da relação entre o eu pessoal e o universo é a de integração do mundo pela consciência. O eu existenciador se revela aberto a toda visitaçã, mostra-se assim como lugar primordial: “Na qualidade de lugar de todos os lugares, vejo-me em situação equiparável ao espaço interno da arquitetura, que se positiva ao acolher os vultos que passam ou se demoram em seu recesso: tal a minha consciência que, recebendo-os à sua medida, anota os acontecimentos e os figurantes respectivos. À feição da arquitetura, abre-se e fecha-se em mim um continuado acervo de ratificações de meu próprio existir, um cabedal de fluências aderidas ao estojo de minha receptividade.” (COUTINHO, 1976, p. 87)

Na arte, o ser humano firma a relação com o universo inventando um modo de lidar com a fugacidade da vida. No acolhimento do mundo, a subjetividade reconhece a necessidade, tanto na experiência cotidiana quanto na confecção da obra de arte, de assumir uma atitude fundamental diante do caráter fugidio da presença. A experiência estética é sensível, ou seja, provém da intuição enquanto sentimento fundamental de mundo. Para Coutinho, é inegável que a tese filosófico-estética da funeralidade implica um sentimento de mundo predominantemente triste. Com a vigência da lei de que “(...) tudo se exhibe em via de perecer (...)”²⁶, existimos em constante elaboração da perda, em contínuo trabalho de luto. Quando todas as coisas são consideradas anúncios de morte, a experiência do mundo torna-se inevitavelmente marcada pela dor e desengano. Este ponto é reconhecido pelo pensador na entrevista concedida à revista *Continente Cultural*: “(...) a minha obra é muito melancólica. A coisa maior do mundo seria a pessoa se eternizar. Mas, o fim? Eu acho um panorama tristíssimo.”²⁷ Pode-se notar nesse trecho um fato que subjaz à ordem fisionômica, qual seja, um certo “anelo de eternização”²⁸ que não se cumpre. É esta impossibilidade que impõe a necessidade de encontrar uma resolução existencial para o fortuito e a impermanência dos eventos e da

existência.

O enfrentamento da questão da transitoriedade é realizado existencialmente através da dualidade inerente à função existenciadora da consciência. Como vimos na seção anterior, o existenciamento transmite ao mundo a precariedade do eu ao subordinar todo conteúdo à escala temporal da finitude: “Trazidos todos os acontecimentos ao meu repositório, eles passam à temporalidade de minha consciência, admitidos à receptibilidade do miradouro interno, que os faz existentes para a funeralidade comigo, e os torna perecíveis num falecimento a mais, desta vez absoluto.” (COUTINHO, 1987, p. ix) Com a transposição do real para o ideal, a negatividade da morte adquire dimensão cósmica abrangendo o mundo na véspera da extinção absoluta. O ato de existenciamento, todavia, não se restringe a impingir no universo a marca da funeralidade. Ao contemplar, o eu cria ícones ou figurações mentais, determinando o sentido fisionômico da existência na acepção de “ser e estar em mim”. Para Coutinho, portanto, o eu não cria tão somente encaminhando para o fim, pois ao formar seu repertório mantém e preserva o mundo fisionômico que cria na “duração” da contemporaneidade. É necessário reconhecer que as ações de apresto ao fim e conservação são concomitantes e complementares. Nesse sentido, o ato de existenciar é também “(...) a faculdade de criar e de manter em conservação, pelo prazo de minha vida, o universo fisionômico.” (COUTINHO, 1976, p. 149)

Dentre os diversos modos de conservação do mundo fisionômico, que não poderão ser examinados em detalhe neste artigo, é, sem dúvida, a memória, na mediação entre presente e passado, que desempenha o papel de fundamental. A transição da presença para a ausência “(...) já implica investidura na imaginária de meu devaneio, pois que o afastamento de meu olhar importa em integração, à minha personalidade, dos objetos que dele se retiram sem a minha presença: todas as coisas se perdem e todavia se encontram em meu repertório, desta vez transubstanciadas em vultos de minha ideação. Tenho-me surpreendido com o desejo de desobrigar-me da cena a fim de, à pureza, restabelecê-la sob o prestígio da lembrança que interferiria na disposição cênica, imprimindo nas figuras, cada qual de per si, uma demora mais conveniente, ou uma redução interpretativa mais adequada à minha absorção, liberdade que eu não obtivera perante o episódio em original aparecimento.” (COUTINHO, 1976, p. 149) A contemplação estética, na percepção ou devaneio, resguarda o que foi existenciado na lembrança, protegendo o ocorrido da perda imediata. Além da recordação podem ser listadas também duas outras formas básicas de preservação: i. através do registro escrito dos painéis na confecção da pentalogia filosófico-literária da *A Ordem Fisionômica*²⁹; ii. através da inscrição do meu vulto no repertório de outrem, isto é, empenhar-se em ser contemplado e abrigado (“hospedado”) na consciência de outra subjetividade.

Nota-se que a criação do mundo fisionômico envolve afirmação e resistência; o eu existenciador não contempla com indiferença a fugacidade dos painéis da teatralidade do mundo. Ao seu modo, a atividade filosófico-estética se contrapõe ao efêmero, pois almeja conservar, manter, perdurar, fazer durar um pouco mais o que transita para o fim. Nesses termos, consciência que se franqueia ao universo inteiro é hospitalidade, é oferta de abrigo e proteção provisória frente à adversidade da perda. Existenciando, a consciência reúne ícones numa iconografia, imagens num álbum, com isso concede estadia e estabilidade aos conteúdos do seu repertório. A subjetivação, inclusão do conteúdo do mundo no continente do eu, tem o claro propósito de preservação, podendo ser descrita como ampliação do esforço (*conatus*) em perseverar

na existência pensado por Espinosa.³⁰ A aproximação é sugerida pelo próprio Coutinho: “A sentença espinosana de que toda coisa persevera em seu próprio ser, revigora-se ante o espírito de minha ordem fisionômica, segundo qual, além da autoconservação de cada um, em naturalidade egoística, se inculca a preservação das lentes em contemporaneidade, como atitude para impedir que o nome da tristeza recaia mais fundamentamente sobre tantos objetos.” (COUTINHO, 1976, p. 152)

Revela-se uma motivação concretamente existencial na proposição do solipsismo de inclusão. Quando ressalta a “predisposição à arquitetura que há em todas as almas”, Coutinho estabelece a possibilidade da prática filosófico-estética de acolhimento existencial do efêmero. Não se trata de prescrição ética acerca de como devemos agir, nem tampouco envolve a pretensão de apresentar lições filosóficas sobre a vida. Trata-se de um testemunho do filósofo-artista sobre como significou sua existência cotidiana à luz da intuição da funeralidade do mundo, quer dizer, de como a sensibilidade para a perda se traduziu no cuidado filosófico-artístico com o que tem valor e significado ainda que não perdure para sempre. É, de início, a verdade pessoal da cosmovisão particular deste filósofo-artista. Mas esta restrição, é claro, não impede, nem proíbe que esta ontologia possa tornar-se inspiradora ao convergir com a sensibilidade do público que a aprecia esteticamente. A possibilidade de afinidade se fundamenta na partilha do que é comum à condição humana. Existindo como mortal, todo ser humano se depara com o mesmo desafio, qual seja, o de dar sentido à vida e ao universo no horizonte de um tempo finito. Na ordem fisionômica, Coutinho retoma esteticamente o *memento mori*, exercitando a atividade de restituição da experiência e elaboração da existência através da estetização do universo. Esta tarefa filosófico-estética poderia muito bem ser enunciada com os versos finais do belo soneto *A solidão e sua porta* do poeta Carlos Pena Filho, seu contemporâneo e pernambucano. Diante da contraditoriedade do mundo, acautela o poeta: “Lembra-te que afinal te resta a vida com tudo que é insolvente e provisório e de que ainda tens uma saída, entrar no acaso e amar o transitório.”³¹

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Evaldo. *Discursos*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- COUTINHO, Evaldo. *A Visão Existenciadora*. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Coleção Estudos 51).
- COUTINHO, Evaldo. *O Convívio Alegórico*. São Paulo: Perspectiva, 1979.. (Coleção Estudos 70)
- COUTINHO, Evaldo. *A Artisticidade do Ser*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.. (Coleção Estudos 97).
- COUTINHO, Evaldo. *O Espaço da Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. (Coleção Estudos 59).
- COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de Todos os Lugares*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.. (Coleção Estudos 55).
- COUTINHO, Evaldo. *O ano da criação. Continente Multicultural*, Recife, ano 1, n. 3, p. 33-42, mar. 2001. Edição especial "Evaldo 90 Anos". Entrevistador: Alexandre Bandeira.
- COUTINHO, Evaldo. O terceiro centenário do nascimento de Baruch Spinoza 1632-1932. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n. 7, p. 50-85. 2001.
- COUTINHO, Evaldo. *Um filósofo da arte e da existência*. Youtube. Disponível em: <<https://>

www.youtube.com/watch?v=rG8-qJ5rOEE>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

ESPINOSA. *Ética: demonstrada a maneira dos geômetras*. São Paulo: Autêntica, 2007.

FICHTE, Johann Gottlieb. *Sämliche Werke. Band I*. Berlin: Walter de Gruyter, 1971.

MENEZES, José Rafael. *Aproximações da obra estética de Evaldo Coutinho*. Recife:

Universitária UFPE, 1987.

NUNES, Benedito. O Solipsismo e a tanatologia de Evaldo Coutinho (Notas). *manuscrito datilografado - inédito*, 11p., 2000.

PENA FILHO, Carlos, Os melhores poemas de Carlos Pena Filho. Seleção de Edilberto Coutinho. São Paulo : Global Ed.,1983.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da Fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. Trad. LOPES, Ricardo Leon. In: *VEREDAS FAVIP*, Caruaru, Vol. 2, n.01, pp, 102-107, jan./jun. 2005.

SOUZA, José Paulo Maldonado de. *O Solipsismo de Evaldo Coutinho*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Orientador Prof. Dr. Thiago Aquino.

SILVA, Alécio de Andrade. *Theatrum Mundi : a ontologia do cotidiano de Evaldo Coutinho*. (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2024. Orientador Prof. Dr. Thiago Aquino.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2008.

NOTAS

1 COUTINHO, Evaldo. *Um filósofo da arte e da existência*. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rG8-qJ5rOEE>>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

2 Cf. SOUZA, José Paulo Maldonado de. O solipsismo de Evaldo Coutinho. (Dissertação Mestrado em Filosofia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

3 COUTINHO, Evaldo. *O Espaço da Arquitetura*; 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 239 p.

4 Cf. A seção 8 da primeira parte do livro “*Espaço da Arquitetura*” intitulada “A intuição artística”, p. 13.

5 Coutinho apresenta dois exemplos de cosmovisões artísticas, isto é, de determinações estéticas do sentido único do mundo: “ (...)nas comédias de Chaplin o tropeço, a queda ao chão, motivo universal hilaridade, nelas se transforma em externalização da renúncia, da fuga da hostilidade permanente que é o mundo em geral: como nos capítulos de *Don Quixote*, a efetivação da luta, contra um estorvo imaginado ou real, ilustra o sentido do universo como a sequência de obstáculos a transpor.” (COUTINHO, 1998, p. 16-17). A tese ontológica do mundo-funeral de Coutinho a exigir acolhimento do transitório pode ser lida em paralelo ao mundo-hostil de Chaplin exigindo a fuga e ao mundo-obstáculo de Cervantes exigindo a luta. A unidade do mundo é determinada esteticamente conforme a sensibilidade de cada artista e acompanhada de uma atitude existencial correspondente ao significado fundamental expresso na obra.

6 Cf. A seção 2 da primeira parte do livro “*Espaço da Arquitetura*” intitulada “A autonomia do gênero artístico”, p. 3.

7 Coutinho diferencia os dois tipos de artes empregando a fronteira estética como

critério. Nas *artes de representação*, o espectador permanece exterior à obra, isto é, não é parte integrante do seu conteúdo. No caso das *artes de realidade*, não há fronteira separando o sujeito apreciador da obra apreciada. Neste caso, o sujeito contemplador pertence à obra, sendo parte e momento integral. Na arquitetura, por exemplo, o visitante/habitante torna-se pessoa arquitetural ao adentrar o espaço interno das construções, enquanto que na filosofia, a existência da pessoa é também implicada na ideação da unidade do universo. Como veremos, a proximidade entre filosofia e arquitetura permite Coutinho utilizar o vão arquitetônico como metáfora da consciência. Cf. a última seção deste artigo.

- 8 A obra filosófica de Coutinho se divide nas disciplinas de estética e ontologia. Há, inegavelmente, correlação e interdependência entre elas; todavia, as duas teorias podem ser discutidas e/ou “aceitas” em separado. A concordância com os princípios estéticos não implica, necessariamente, a adoção da cosmologia, nem vice-versa. Apesar do pressuposto comum do princípio da subjetividade, a ontologia solipsista da ordem fisionômica e a estética são distintas na ordem de fundamentação e validade. A estética pretende validade universal ao estabelecer princípios para todos os gêneros artísticos (inclusive a filosofia); já a ontologia do solipsismo pretende, de início, validade unicamente pessoal na medida em que expressa a experiência de mundo conforme a sensibilidade do filósofo-artista Evaldo Coutinho. Esta restrição inicial não impede, evidentemente, possíveis concordâncias com base em afinidades estético-espirituais entre o público e a obra.
- 9 COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- 10 Como observa o filósofo, a iconografia é a “(...) designação com que intitulo o acervo de episódios que surgiram à minha lupa.” Cf. COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 107.
- 11 Segundo Souza, os principais elementos da prosa de Coutinho são: “(...) o emprego pletórico de sinonímias para um mesmo conceito, a repetição intencional de temas e variações obsessivas sobre o mesmo tema, o privilégio de motivos prosaicos, a integração orgânica das partes, a unidade e coerência da obra completa, o privilégio da imagem sobre o conceito, a reabilitação de palavras arcaicas da língua, a criação de neologismos, os longos parágrafos viabilizados pelo manuseio particular das vírgulas, a concentração dos temas em pequenos módulos, a sublimação do vocabulário ontológico tradicional em um vocabulário próprio que superpõe termos biológicos, espiritualistas, jurídicos, a ausência de estrangeirismos e ausência de citação de pensadores.” (SOUZA, 2014, p. 26)
- 12 A expressão “Ordem Fisionômica” recebe um duplo emprego nos escritos de Coutinho. De um lado, trata-se do título da pentalogia que considera ser sua obra fundamental dividida nos seguintes volumes: 1. A Visão Existenciadora; 2. O Convívio Alegórico; 3. Ser e estar em Nós; 4. A Subordinação ao nosso Existir; 5. A Testemunha Participante. Nesses volumes, nos deparamos com *descrições de cenas cotidianas*, muitas vezes parciais e incompletas, acompanhadas de *digressões filosóficas* com base na intuição nuclear da funeralidade. O que nos leva à segunda acepção, pois, de outro lado, o termo “ordem fisionômica” também denomina a conjuntura cosmogônica do universo consubstanciado à existência singular, ou seja, enquanto repertório de imagens ordenados na consciência em função da mortalidade e temporalidade que a constitui.
- 13 Nas palavras do autor: “Intitulei de fisionômica a imanência que parte de mim para

- mim.” Cf. COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 129.
- 14 Cf. SILVA, Alécio de Andrade. *Theatrum Mundi : a ontologia do cotidiano de Evaldo Coutinho*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2024.
- 15 A natureza permanece tão somente pano de fundo para os enredos humanos: “Coadjuvantes das pessoas, os objetos inanimados tem, em primeiro lugar, a função de assegurar à cena a nominalidade respectiva, acentuando-se em convergência ao núcleo da nominação e propiciando à ambiência o cunho de natural adesão à aludida nominalidade.” Cf. COUTINHO, Evaldo. *A Artisticidade do Ser*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 31. Desconsiderando outras nuances importantes, a noção de nominalidade se refere, nesse trecho, aos temas que transparecem nos desempenhos e comportamentos humanos, por exemplo, despedida, orgulho, júbilo, indiferença. À cada cena cotidiana corresponde uma nominação denominando o seu motivo ou assunto. A estetização da existência, isto é, a interpretação filosófica do que aparece acontece através da classificação das faces (imagens) em nominalidades (conceitos). No solipsismo de inclusão, os múltiplos conteúdos da existência são lidos segundo a nominalidade basilar da “funeralidade” proposta como sentido unitário do cosmos. Sobre este último ponto, conferir a segunda seção deste artigo.
- 16 Cf. COUTINHO, Evaldo, O ano da criação. *Continente Multicultural*, Recife, ano 1, n.1, p. 33-42, mar. 2001, p. 37.
- 17 Cf. COUTINHO, Evaldo, O ano da criação. *Continente Multicultural*, Recife, ano 1, n.1, p. 33-42, mar. 2001, p. 37.
- 18 Cf. COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976, capítulo 5 intitulado “A Contemporaneidade Fisionômica”, p. 59.
- 19 “A vida e a morte, em última análise, não se exibem apenas em sucessão, mas sobretudo elas, ante os meus olhos, se justapõem em simultaneidade, se ostentam em painéis de minha observação, e estes, reunidos, estruturam uma iconografia que, examinada de perto ou de longe, denota que surgiu da criatividade de um só autor.” Cf. COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 106.
- 20 Cf. COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976, capítulo 6 intitulado “O ponto intestemunhável”, p. 71.
- 21 Cf. COUTINHO, Evaldo. *A Artisticidade do Ser*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 85.
- 22 SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da Fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. Trad. LOPES, Ricardo Leon. In: *VEREDAS FAVIP*, Caruaru, Vol. 2, n.01, jan./jun. 2005, p. 105.
- 23 Para Coutinho, são os pré-socráticos que inauguram o gênero artístico “filosofia” através da primeira ideação do uno criada por Tales: “Quando de certo filósofo da Antiguidade a expressão “água” se pronuncia, ela excede a fronteira de sua habitual significação, passa a expressar que todas as coisas são uma, o sentido em que incorrem todas as porções de água; sentido que o autor absorvera como a interpretação de si e do universo, num gênero de simbologia não artificial, daquelas que se forçam por algum convencionalizado preceito, mas prontamente explícito a modo da água que, na qualidade de figuração, se equipara a dístico

ontológico.” (COUTINHO, 1998, p.106) No prefácio do *A Visão Existenciadora*, primeiro volume de *A Ordem Fisionômica*, o pensador ressalta sua afinidade espiritual com esta tradição e estilo de filosofia afirmando: “Localizo-me entre pré-socráticos, em virtude da generalidade do pensamento e da despreocupação em separar o literário do filosófico (...)” (COUTINHO, 1978, p. xii)

- 24 Na obra *O Espaço da Arquitetura*, Coutinho defende que o aspecto exterior das construções arquitetônicas, unicamente visualizável desde fora dos edifícios, não é apropriado para a definição da arquitetura enquanto arte, pois “a parte construtiva, plástica, figurativa, da arquitetura, pertence à escultura. É habitual dizer-se de um edifício de formas procuradas no intuito de sua visualização, que ele é obra de escultor (...)” (COUTINHO, 1998, p.8) A matéria exclusiva da arquitetura, que delimita sua autonomia enquanto gênero artístico, seria o espaço interno. É com a demarcação do vão através do maciço das paredes que a arquitetura exerce a criatividade artística elaborando o espaço interno segundo valores formais próprios: “O espaço arquitetônico se franqueia em plenitude, onde se equilibram valores a exemplo da luz, da sombra, da temperatura, do silêncio, do ruído, etc., os quais são dosados pelo arquiteto que assim lhes confere tratamento artístico. Essa plenitude se mostra abertamente suscetível, alterando-se à medida que se lhe penetra o seio; dessa forma, quem a esgarça exercita um ato de variação na contextura espacial.” (COUTINHO, 1998, p.ix)
- 25 Tal proximidade implica também um entrecruzamento entre a criação filosófica de *A Ordem Fisionômica* (obra literária que descreve painéis cotidianos à luz da intuição da funeralidade) e a da arquitetônica, como observa Coutinho: “Os pontos de contacto entre o meu universo e a arquitetura vêm a acentuar-se ainda se eu atentar sobre a feição com que me surgiu e surge a maior parte dos eventos condignos para a ilustração, pretendida em *A Ordem Fisionômica*, de minha visibilidade conquanto promotora de existenciamentos e homologadora de si própria. De fato, os painéis e seqüências de painéis, em sua maioria, se instalaram, ou foram por mim instalados, em ambientes criados pelo arquiteto, de sorte que, à margem de minhas contemplações e iniciativas no tocante a esses episódios, ladeou-me sempre a figura do arquiteto, ponderável co-autor de tantas facturas, quer da realidade, quer da inventiva, as quais lhe devem muito dos arranjos cênicos, das composições oferecidas ao meu belvedere. Costumeiramente, eu já encontrava, submetidos a fórmulas de ser e de estar, estabelecidas por outrem — o arquiteto — os participantes da cena, desse modo facilitando-me a tarefa; trata-se de um co-autor anônimo quase que em todas as oportunidades, no entanto apreendo a favorável franquia com que ele anterior e superiormente abriu, à minha disponibilidade, a rampa que se fazia necessária aos reclamos de minha lupa.” (COUTINHO, 1976, p. 89-90)
- 26 COUTINHO, Evaldo, *O Lugar de Todos os Lugares*, 1976, p. 10.
- 27 Cf. COUTINHO, Evaldo, O ano da criação. *Continente Multicultural*, Recife, ano 1, n.1, p. 33-42, mar. 2001, p. 37.
- 28 Cf. COUTINHO, Evaldo. *A Artisticidade do Ser*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 36.
- 29 Cf. COUTINHO, Evaldo. *O Lugar de todos os Lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 113: “(...) *A Ordem Fisionômica* encerra uma peculiaridade não menos cosmogônica: assume o aspecto de restituição, a mim, de faces e sucessos que me pertencem, a elaboração da obra a reacender a luzerna que havia no momento

de aparecerem os fatos em narração; assim acontecendo um fenômeno que não vem a repetir-se rotineiramente, sendo algo privativo da mera factura: o de avivar-se em mim uma chama de interesse que a só devolução de uma coisa extremamente amada pode consentir, suscitando-me o júbilo, a aura do fazer, o que não me tocou por ocasião dos reais surgimentos.” No solipsismo de inclusão, a filosofia opera, ao seu modo, a busca do tempo perdido para salvá-lo, restituí-lo, guardá-lo, mantê-lo.

- 30 Cf. ESPINOSA. *Ética: demonstrada a maneira dos geômetras*. São Paulo: Autêntica, 2007, p. 173: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser.” (EIIIP6) Espinosa é um interlocutor fundamental para Coutinho, tendo merecido, inclusive, a escrita de um ensaio de interpretação pioneiro publicado no ano do tricentenário do seu nascimento (1932) e que foi reeditado recentemente. Cf. Coutinho, E. O terceiro centenário do nascimento de Baruch Spinoza 1632-1932. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n. 7, p. 50-85. 2001.
- 31 PENA FILHO, Carlos, Os melhores poemas de Carlos Pena Filho. Seleção de Edilberto Coutinho. São Paulo : Global Ed.,1983, p.17.